

UMA CENA DE FACULDADE (extrato)

Renato Pardal Capistrano¹

Resumo: Trecho do romance *Ardentia* (ainda não publicado). A cena narra breves situações próprias à ambientação do cotidiano social de uma universidade.

Palavras-chave: universidade, movimento estudantil, intervalo.

Astract: This is an excerpt from the novel *Ardentia* (not yet published). The scene narrates brief situations proper to the social daily life of a university environment.

Keywords: university; student's policy, break time.

UMA CENA DE FACULDADE (extrato)

A vida dos outros

Das mais curiosas afinidades que Crista e eu descobrimos ter em comum era o prazer em ouvir conversas alheias. Não apenas ouvir as conversas, mas reparar diligentemente nos interlocutores sem se deixar notar. Sempre me desculpei essa intromissão supondo pesquisa de campo para contos e crônicas. Isso desde a infância.

Certa ocasião, pelo fim daquele semestre, período das provas de encerramento de curso, estávamos no café em frente ao prédio da faculdade. Comparávamos trabalhos corrigidos que havíamos acabado de receber. Crista estava insatisfeita com seu 9,5 e reclamava dos comentários pouco explicativos deixados a pé de página. Ia resmungando qualquer justificativa quando de repente emudeceu, olhar vidrado.

¹ Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008), mestrado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012) e doutorado em Ciência da Literatura (PPG Faculdade de Letras) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018). E-mail: pardalcapistrano@gmail.com

Havia detectado conversa na mesa imediatamente atrás da nossa. Pela posição que estava sentado, eu podia ver os interlocutores: um rapaz alto e forte, bonito mas jeitão meio desengonçado, que usava bota ortopédica, espécie de James Stewart juvenil, e uma moça de vasta cabeleira encaracolada e olhos esverdeados.

Só pelo relance saquei que Crista estava interessada. Disfarçando ar blasé, acompanhei a tocaia, escamoteando soslaio e mirando audição para o diálogo que parecia começar.

Arregalando os olhos, ar de picardia moleca, ela pegou no meu braço, esforçando para se conter:

– *Boy meets girl...* estão flertando!

Quando passei a dedicar maior atenção à cena, voyeur da conversa alheia, percebi que a moça da cabeleira cacheada reparava na camiseta do rapaz de bota ortopédica:

– Gosto desse filme. Sei as falas de cor – disse apontando a estampa. Debaixo do título impresso próximo à gola, havia a inscrição: *The Name In Laughter From The Hereafter*.

– Eu também – respondeu o rapaz.

A moça sorriu, um pouco sem jeito, balançando a cabeça em silêncio. Então continuou, ainda um pouco tímida:

– Quando tinha uns dezesseis anos, inventei uma história pro *Beetlejuice*. Era boa. Tinha até uma etimologia. Parecia conto medieval.

Pelo tom de voz que usavam, um tanto inseguro e ao mesmo tempo ousado, supus que se viam pela primeira vez. A fala da moça guardava um quê de nervosismo no ritmo e na quantidade de palavras. Como se valesse a tática de escorrer nelas sua ansiedade. Era expansiva nisso. Gesticulosa e articulada, dissimulava a insegurança em ares de oradora.

– Me conta – o rapaz atalhou, tom caloroso e contido.

– Naaa... bobagem.

– Não achei bobagem. Me conta – ele embarcou.

Completos estranhos para nós, meses depois, eu e Crista saberíamos que os dois faziam hora em frente ao trailer. Era dia de prova de redação para o vestibular de reingresso. Um exame comum, de mesma proposta dissertativa para todos. Junto com poucos outros espalhados pela entrada do prédio, os dois haviam chegado mais cedo, precavidos em evitar problemas de último

momento. Optaram por espera segura, apostando que repouso diante do portão diluiria a ansiedade e permitiria melhor concentração.

Faziam etapa específica da transferência de cursos. Ele, vindo da Educação Física, pleiteava vaga para o curso de literatura. Ela, deixando trancada matrícula em Medicina, almejava língua alemã. Personagens certamente improváveis – mas ali, naquela dinâmica de observação sorrateira, por ora não sabíamos nada disso.

– Aliás... sou Pablo. Vou arriscar que você está aqui pela mesma razão que eu. Prova de redação, não é?

– Arriscou certo.

– Foi fácil.

– Oi?

– Não... foi fácil de sacar. É que você tem um ar de quem não conhece o lugar: o mesmo ar que eu tenho.

– A gente é tão óbvio assim? – replicou marota.

– Acho que sim, somos. Como é seu nome?

– Meu nome... sabe que sinto sempre uma vontade enorme de mentir meu nome quando perguntam?

– Sério? Por quê? Qual o problema do seu nome?

Senti as unhas de Crista apertarem meu antebraço. Entendi que queria se intrometer na conversa, mas que estava ao mesmo tempo animada demais para quebrar a fruição do momento. Acenei discreto que diminuísse a pressão das unhas e olhando firme fiz cara de que aquilo poria a perder nosso caráter de incógnitos.

Somos realistas, queremos o impossível

Nesse instante, avistei Chico na entrada da Faculdade. Parecia agitado e carregava um megafone. Vinha acompanhado de seus amigos do DCE. Olhares mais irônicos podiam confundirlos com arremedo dos irmãos Marx: Groucho, Harpo, Gummo e Chico (aliás o nome de um já pedia a piada do marxismo da linha grouxiana: “a Revolução será no diafragma – ou não será!”). Carregavam cabos, amplificadores e sacolas aparentemente cheias de resmas de papel, provavelmente material para a campanha de eleição da direção.

No movimento estudantil, vivia-se período combativo em termos programáticos. A corrente de meu amigo estava à esquerda do governo federal de coalizão (“caô-lizão”, como diziam alguns trotskistas, em trocadilho bobo mas apropriado), e constantemente fazia oposição à reitoria, alinhada então com as altas esferas de Brasília. Chico já compunha pela segunda vez mandato no Diretório Central dos Estudantes. Ocupava agora cadeira no Consuni, conselho deliberativo máximo da instituição, presidido pelo próprio reitor.

– Nomes não são nada. O que vale são os programas. E eu quero discutir programas. Não nomes agradáveis de pessoas legais pra caramba que a gente curte e quer marcar depois pra esticar no bar – repetia em reuniões ou assembleias.

Eu andava afastado dos assuntos do Centro Acadêmico (sem fazer mais cartazes há dois períodos, já não era o calouro protegido de Chico, alguém certamente ocupara a função). Cada vez mais me dedicando aos estudos, sobretudo de literatura, cogitava fazer mestrado ao fim da graduação. Nos primeiros períodos do curso, eu sofrera um baque de desencanto. As matérias obrigatórias, muito diferentes daquilo que eu esperava encontrar no currículo, titubeavam a força do projeto de seguir carreira acadêmica que, acreditava ingênuo, proporcionaria me tornar um escritor de romances.

A bobeira de qualquer vestibulando que não escolhe seu curso no *Guia do Estudante*, da editora Abril, pela régua dos salários-base que a revista anuncia, é sonhar que, por ter feito uma decisão baseada em expectativas de vocação, vá por isso desencadear rotina de estudo sempre estimulantes, com garantia de, canudo no bolso, alçar inevitável salto para vida intelectual e profissional sem tempos mortos.

Ledo engano, mas achei que, classificado o ingresso, a vida de estudante seria, sim, um êxtase de discussões acaloradas e de muitos mergulhos autênticos em uma fruição de leituras e de arte... Daí que logo no primeiro dia de aula, trombei com as maçadas de Latim Genérico, Linguística I, Francês Instrumental...

Não foi à toa que o canto do movimento estudantil me cativara logo de início. Sua promessa era concreta, de intervenção imediata nos Conselhos, nas eleições, nos debates mais urgentes e pertinentes do campo universitário e também da sociedade.

A vida pulsava ali. No ato sem mediação. Ao alcance da voz, do voto e da ação direta (prerrogativas pétreas do trotskismo estudantil da corrente de Chico, aliás). E foi assim que me

aproximei mais do camarada, o meu amigo pescador que eu já conhecia desde a primeira semana de aula, a quem reencontrei, no meio desse conflito interno que eu vivia entre a decisão de ter seguido uma carreira que me seduzia pela vocação (e o peso que isso trazia em conflitos com minha família), e o tédio de ter que assistir a aulas inúteis, prenúncio cruel de repetição da rotina esdrúxula do ensino médio, mas a que talvez pudesse encontrar contraponto nas passagens em sala de aula, nas reuniões de núcleo, nas assembleias, nas campanhas e nas viagens a congressos estudantis. Uma vitrine de empenho e compromisso promissores de novas amizades e formação que me fez entrar o salão da militância e dela tomar parte por alguns períodos.

Agora, no entanto, já avançado no curso e já tendo vivido boas campanhas no movimento estudantil eu estava afastado, sem dúvida, da militância e remediado da sua sedução.

Tempos atrás, porém, não duvido que estaria ali na porta da faculdade alimentando a campanha, quiçá carregando megafone sobressalente ou ajudando a carregar outra sacola de panfletos. Seria eu o quinto irmão Marx. Eu seria Zeppo.

E não era difícil me imaginar orgulhoso em usar e distribuir, qual os demais militantes, o mesmo adesivo onde se podia ler o nome da chapa, seu número para a cédula e a frase “*Somos realistas, queremos o impossível*”.

Aposto que até hoje diversas das pessoas envolvidas nas campanhas do movimento estudantil conservam, mesmo que desbotados, seja numa parede de seus quartos, na portinhola de um guarda-roupas velho, na lateral de uma geladeira ou numa janela, coleções multicoloridas desses dispositivos de campanhas, grandíssima maioria invariavelmente produzida numa gráfica em São Cristóvão.

O conto de Lydia Deetz

Mas naquele dia meu interesse e disposição para isso tendiam a zero. Crista, que nunca se interessara por política estudantil, sequer percebeu a movimentação, atenta à conversa dos dois flertantes.

A moça da cabeleira encaracolada continuava:

- Problema não, mas... meu nome é um nome diferente. Em hebraico.
- Diferente?
- É... Sempre pedem explicação. Sempre pedem que eu repita. Várias vezes...

Pablo não quis insistir, temendo que pudesse irritar a moça. Ela ponderou:

– Olha, não sou antipática, mas depois disso acontecer tanto, acaba ficando chato. Desculpa, você já deve ter se arrependido de falar comigo. Me acha uma louca, né? Eu gosto do meu nome, parece–

Antes que escutássemos a semelhança, o megafone apitou na mão de Chico, atrapalhando a espreita e cobrindo a fala dela. Iniciava exposição sobre a reforma universitária, criticando o governo:

– *O DCE tem que ser livre! Tem que lutar pela autonomia universitária* – sua voz metálica disparava através do aparelho.

– Merda, logo agora! – Crista esbravejou.

A conversa que espreitávamos continuou, nossa escuta prejudicada pelo ruído.

– Juro não caçoar. Nem me espantar – Pablo tranquilizou.

– Ahh... disso você não pode ter certeza... não sabe ainda... vai que sou “Rebeca Hebreia” – a moça troçou, enquanto se distraía com uma mecha de cabelo.

– Você não se chama Rebeca Hebreia, né? Isso nem–

– *Eu quero reforma, sim! Quero expansão, sim! Mas quero isso sem precarização do caráter público do ensino!*

– Não, mas admite que se espantou. Bequebrea... ninguém merece.

– Pode mentir, não me importo.

– *O que esse governo faz é favorecer os grandes empresários, a única coisa que querem é lucro!*

Havia um quê de obsceno, ou mesmo pornográfico na situação. Não da parte dos dois que conversavam, ou de Chico que fazia a boa política e lutava a boa luta, mas da nossa. Ouvíamos em atitude de erotismo brando. Espectadores travestidos de figurantes que, por trás de um biombo invisível, sugávamos prazer da intimidade deles. Eu podia perceber: seus rostos brilhavam na troca de olhares que lançavam um ao outro.

– Esse é o problema, eu nunca minto. É só vontade. Fico aflita, não consigo – e, outro gole de café: – Não consigo nem mentir na Starbucks.

O rapaz riu. Ajeitou-se na cadeira, buscando posição mais confortável. Sentado, a bota ortopédica cabia melhor se esticasse a perna, o que fazia ter que mudar de posição vez e outra.

- Que nome fictício você pediria que escrevessem no seu cappuccino?
- *Lucro não pode ser princípio de gestão pública!*
- Haha, não sei... nem bebo cappuccino. Sou intolerante a lactose.
- Inventa agora. Um nome *lactose free*.

Com o movimento de se ajeitar no assento, o rapaz estufou o peito, escancarando a estampa da camiseta que vestia. A moça reparou o desenho e respondeu:

- Pode ser Lydia, o nome da filha dos Deetz.
- Lydia Deetz. Com nome e sobrenome.

“Winona Rider”, eu e Crista murmuramos simultâneos.

– Então: Lydia Deetz *lactose free* da Stabrbucks... me conta a história que você inventou pra esse grande filme – Pablo avançou.

Crista e eu nesse momento nos arrumamos nas cadeiras. Cabeças melhor posicionadas sobre os pescoços, esperando os detalhes da história. Por sorte, Chico tivera problemas com o megafone e interrompera a falação. Apenas distribuía panfletos a quem entrava ou saía do prédio.

– Tá... deixa eu ver. Você conhece os quadros de um pintor holandês chamado Bruegel?

– Lydia Deetz questionou.

– Sim, conheço, claro. Gosto muito!

Me senti tocado pela coincidência e lembrei o momento passado no quarto de Klauster alguns meses antes.

– Ok. Imagina então cenário de aldeia camponesa europeia. Naquele estilo invernososo dele. Vilarejo, igreja, floresta contorcida, rio cinzento ao largo... A história gira em torno de uma mulher e sua filha. Imagina elas com aqueles figurinos que o Bruegel pintava em cenas domésticas.

– Tá, peguei a ideia. Duas aias.

– Tipo isso! Deixa explicar rapidinho a etimologia primeiro.

Pablo parecia sentir uma sintonia inesperada com a moça e se deixava levar. Soava como se oferecesse a guia da conversa, forma de compensar a possível timidez que o tom de voz dela ainda vacilava:

– *It's show time!* – empolgou-se numa imitação de Michael Keaton no seu melhor.

Lydia Deetz adorou o estímulo. Na verdade, se havia agora qualquer condução da conversa era ela quem comandava. Sorrindo, arrumou a postura na cadeira, bebeu outro gole de café e prosseguiu:

– No alemão arcaico, a palavra original para *beetle juice* é *Betelgeuse* – ela dizia o vocábulo forçando um absurdo sotaque germânico, algo como /bvétaiilllgóizzz/ – A tradução de *geuse* pra *juice*, em inglês, é ok, é plausível. Mas daí pra “suco”, em português... fica uma maluquice. É outro sentido. A palavra suco é muito específica pra designar um tipo de bebida, né?

Fechando o cenho para Crista, franzi dúvida pela acuidade daquela etimologia. Mas não pronunciei nada.

– Verdade. “Besouro suco” sempre me fez pensar alguém esfomeado e sedento numa lanchonete, cliente pedindo sanduíche natural acompanhado de vitamina de besouro. Não faz muito sentido mesmo – Pablo brincou.

A piada, além de aumentar confiança, fez com que a moça risse:

– Não faz. Daí a melhor tradução é “gosma”: *Betelgeuse*, em alemão; *beetle juice*, em inglês; e “gosma de besouro”, em português. Pronto! Com essa tradução, em vez de bebida saudável, você capta a ideia certa: quando se pisa num inseto, o resultado é esse: a gosma que sai do bicho esmagado. Gosma de besouro.

“Isso é caô...”, sussurrei para Crista.

“Shhhhh.... deixa eles”, ela fez imperativa.

– Bem melhor, sem dúvida!

– Era daí que a minha história partia – Lydia Deetz fez pausa breve e continuou: – Imagine uma camponesa que vive de lavar roupas na sua aldeia, bem provinciana mesmo.

– Uma aldeia bruegeliana...

– Exato. Bem bruegeliana. Num determinado feriado ela se vê com o serviço dobrado. Era costume que as pessoas tivessem poucas roupas na Idade Média. Em geral havia a roupa do dia a dia (uma peça de cada tipo que se usava por toda a semana) e uma roupa de domingo, para ir à igreja. Mas nas épocas de feriados religiosos, era preciso estar mais presente nas comemorações, na vida social. Ver e ser visto nas missas, nas festas, nas ruas. Existia uma urgência, portanto, em usar roupas limpas nesses tempos. E daí o trabalho de lavadeira eventualmente aumentava. Então

nessa época, a lavadeira da historinha chamava a filha mais nova, que ainda não tinha se casado, para ajudar nos serviços.

– Lydia! A filha da lavadeira também se chama Lydia!

– Tá bom – Lydia Deetz aceitou a homonímia e prosseguiu: – Tudo ia bem até que, certa vez, quando ela voltou do rio, trazendo uma trouxa de roupas já lavada, a mãe percebeu uma mancha estranha na barra da saia da filha. Era borrão feioso, uma meleca meio endurecida, como clara de ovo. Desconfiada e preocupada, ela obviamente perguntou o que era aquilo. Seria um desastre se as peças de roupa sujassem. A filha–

– Lydia!!!

– Certo... – condescendeu charmosa e seguiu na narrativa: – *Lydia* disse à mãe que não se aborrecesse à toa. Não era nada demais. Explicou que, quando estava voltando do rio, percebeu um besouro peludo e escuro na barra da saia. Com o susto que levou, deu um tapa no bicho. O gesto havia esmagado o besouro que, morto, sujou-lhe um pouco a própria roupa. Daí então a mancha, causada pela gosma que saíra do bicho. “É só gosma de besouro, mamãe... não é nada demais”. A mulher se satisfez com a resposta singela da filha e, depois de inspecionar a trouxa de roupas e ver que nenhuma peça estava manchada, tudo impecável, deixou de lado o assunto. Mas no dia seguinte, quando, mais ou menos à mesma hora, a filha voltou de novo do rio, trazendo outra muda de roupa, que igualmente deveria ser lavada, o que foi que a mãe viu?

– Outra mancha!

– Exatamente! A mancha havia aliás aumentado de tamanho. Quer dizer, havia uma nova mancha por cima da mancha do dia anterior. Surpresa com a sujeira, ela perguntou mais uma vez pra filha o que era aquilo. E a menina – neste ponto Pablo lançou um olhar significativo para a moça que entendeu a força do pedido e emendou: – Sim, *Lydia!*... Então Lydia explica pela segunda vez que um outro besouro, muito parecido com aquele do dia anterior, havia pousado no mesmo lugar. E que ela tivera a mesma reação: bateu, apertou e espremeu o inseto peludo e escuro até fazê-lo esguichar gosma.

Foi a vez de Pablo soltar risada e completar a cena, voz de falsete, macaqueando pureza virginal:

– “É só gosma de besouro, mamãe. Só gosma de besouro!”

Comecei a imaginar que o rapaz sentia uma excitação. Talvez bebera muito café àquela manhã. Era como se um desejo de velocidade começasse a lhe infiltrar e possuir. Um relance de brilho, qual o que o álcool alumia. Agradada pelo sorriso, a narradora (que eu já tinha como tremenda mitômana) prosseguiu:

– A mãe então coçou a cabeça. Era uma senhora muito religiosa, temente a Deus, como em geral costumavam ser as senhoras lavadeiras daquela aldeia: tementes e supersticiosas. Deu-se conta de que nunca havia visto na vida um besouro como o descrito pela filha quando estivera ela mesma nas matas da região. Seria o bicho um Enviado do Inimigo de Deus? Preocupada, ela rogou aos céus pela proteção da filha. E por ora com isso se aquietou, confiante na Providência. As preces, no entanto, não tiveram nenhum efeito prático. E nos dias seguintes a mesma cena sempre se repetia quando a filha voltava do rio com as trouxas de roupa lavadas. Corrida uma semana, a saia da filha da lavadeira já estava com uma coleção tão variada de manchas de gosma de besouro, que a mãe finalmente se irritou, suspeitosa da tranquilidade da filha.

Enquanto ia contando sua história, as sobrancelhas da moça erguiam-se e contraíam-se, bailado expressivo que hipnotizava Pablo. Silencioso diálogo parecia se fazer na linguagem corporal dos dois. Falava-se de uma historinha, mas o que acontecia era um flerte. Coisa que aliás parecia delinear polígono de erotismo muito escaleno e obtuso.

Crista, por sua vez, de costas para a dupla e sem contato visual, acompanhando apenas pelo som o episódio, estava explicitamente fascinada. Parecia num transe. Como se imaginasse a beleza da moça e se encantasse pelo efeito que a supunha jogar sobre o rapaz.

Eu, não imune à tensão da cena, acompanhava o enredo. Meu maior interesse: desenvolver dali mais um laço de afinidade com Crista. Não éramos namorados. Muito tímido, na verdade nunca havíamos sequer ficado, ou dado beijo. Nada. Mas a ideia não me desagradava. Pelo contrário.

A história chegava ao fim. Lydia encaminhava sua conclusão:

– Desconfiada, a mãe decidiu descobrir o que estava por trás daquilo. No dia seguinte, sem se deixar perceber, a mulher seguiu a menina até o rio. Bom, você pode imaginar o que havia por trás da história de Lydia. Obviamente, não existiam besouros. Nunca existiram. As manchas, resultado do orgasmo do cara com quem a garota transava todas as tardes, numa beira de curva do córrego, logo depois de lavar as roupas. A mãe então quando pegou a filha e o sujeito em flagrante

(ela tinha se escondido atrás de uma pedra do meandro do rio), muito enraivecida, interrompeu o ato sexual dos dois. E, aproveitando o bote, num lance de fúria, atirou o sujeito nas águas. Descompensado e sem reação, o amante azarado caiu numa parte mais caudalosa, sendo levado pela correnteza. Corpo nunca mais visto, a certeza é que morrera afogado. E daí surgiu a lenda do fantasma desse homem, que assombra mulheres conservadoras de meia idade e paquera jovencinhas, e que ganhou o nome de tchan tchan tchan tcham: “Gosma de Besouro”!

– *Betelgeuse. Beetle Juice.* – Pablo concluiu.

– Isso! E foi em cima desse mito que o Tim Burton desenvolveu o personagem que deu nome ao filme com o Michael Keaton como protagonista. E eu, Lydia Deetz/ Winona Ryder, como coadjuvante. Ta daa!

O alarme

“Tecnicamente ele não é o protagonista. O filme é sobre ela!”, Crista sussurrou.

– Queixo caído. Você inventou isso tudo?

– Inventei. Maluquice, né? Não chego a ser mitômana...

– Eu não disse nada...

Lydia riu:

– Não, não sou. Brincadeira. Mas admito que curto contar como se fosse verdade. Enrolar os outros dá um gostinho.

– Errr... não sei.

– Depois eu desfaço.

– Você não me enrolou.

– Mas podia, não podia? Se tivesse contado como fosse verdade...

Pablo ficou em silêncio por um momento, observando e julgando a pessoa que tinha acabado de conhecer, como se ponderasse no que estava se metendo:

– Acho que embarquei lá pela coisa da etimologia já.

Lydia soltou uma exclamação de agradecimento e fez gesto de limpar a poeira de um dos ombros:

– Etimologia falsa é o melhor recurso! Qualquer coisa maluca fica plausível.

Ouvindo essa frase, Crista mostrou pra mim sinal de coração juntando os dois polegares e sussurrando sobre a moça: “meu novo amor!”.

Não é preciso surpresa: enquanto eu despontava ciuminho, Pablo e Crista estavam, ambos, irremediavelmente interessados pela moça da cabeleira encaracolada.

– *Pessoal, divulgando aqui a festa do DCE, que vai acontecer sexta-feira...* – o megafone havia voltado a funcionar (e a atrapalhar nossa audição).

– Olha, já está quase na hora da prova.

– Verdade.

– Mas me diz– *Contra a reforma universitária desse governo*– seu nome?

– Lydia Deetz– *Por uma expansão de qualidade do ensino público. Pela autonomia universitária!*

– Naa... falando séri– *governo dos trabalhadores!*

– Meu– *É um governo*– To– *de empresár*– nome é To– a...

“Caralho!”, Crista resmungou alto, chamando atenção dos dois.

– Muito prazer, To– *começa às 15h, vamos chegar pessoal! A renda vai ser voltada pra nossa campanha!*

Nesse momento o alarme do início do período soou. Vimos as pessoas se levantando das mesas e um burburinho se formou, desmanchando completamente nosso privilégio de escuta. Sabendo que era também o sinal de chamada para o começo de sua prova, Pablo e a moça se levantaram e seguiram juntos.

O prédio da Letras não causa impacto em quem o vê de fora. Sob a sola do sapato o som das pedras de brita criava, porém, uma aura meio épica, de marcha militar, para a entrada do edifício. Pablo, apesar da bota ortopédica, tinha ainda bastante mobilidade e não precisou da ajuda que Lydia Deetz lhe ofereceu.

Crista amargou a impossibilidade de ouvir o nome verdadeiro da moça. Tomou de um só gole todo o resto de seu café e enquanto acompanhava com o olhar a dupla lentamente se distanciando, disse para mim, num suspiro:

– Lydia Deetz... ai se eu te pego.

Ao que pensei em silêncio, eco mental de resposta à frase: “Crista, Crista... ai se *eu* te pego”.



*Recebido em 16 de outubro de 2019.
Aceito em 15 de novembro de 2019.*